Diálogo familiar

Filho: “O senhor ficou sabendo o que aconteceu na Ucrânia?”

Pai: “Bah!”

Mãe: “A sopa está suficientemente salgada?”.

Filho: “Isso é um problema, não é?”.

Pai: “Sim”.

Filho: “Então, o que o senhor acha?”.

Pai: “Você tem razão, falta um pouco de sal”.

Mãe: “Aqui, pegue”.

Filho: “É estranho como se conseguiu chegar a esse ponto”.

Mãe: “Quais as suas notas em matemática?”.

Pai: “Eu nunca entendi nada de matemática”.

Mãe: “Está frio hoje...”.

Um marido ouve a esposa por no máximo 17 segundos e depois começa a falar.

A esposa ouve o marido por no máximo 17 segundos e depois começa a falar.

Marido e mulher ouvem seus filhos por...

Ninguém assustava as galinhas (1876)

Ambientada em janeiro de 1876, a peça apresenta um dos mais sugestivos “sonhos” de Dom Bosco, instrumento predileto com que o santo turinense sacudia e guiava os jovens do Oratório. A visão se abre para uma planície interminável onde fervilham os trabalhos dos semeadores: o trigo, símbolo da Palavra de Deus, só germinará se protegido. Mas galinhas vorazes caem sobre a semente e, enquanto os camponeses cantam versículos

evangélicos, os clérigos encarregados da custódia permanecem mudos ou distraídos, deixando que tudo se perca. A cena, animada por diálogos argutos e citações bíblicas, torna-se parábola da murmuração que apaga o fruto da pregação e advertência à vigilância ativa. Com tons ao mesmo tempo paternos e severos, Dom Bosco transforma o elemento fantástico em lição moral incisiva.

Na segunda metade de janeiro o Servo de Deus teve um sonho simbólico do qual falou com alguns Salesianos. P. Barberis pediu-lhe para contá-lo em público porque os seus sonhos agradavam muito aos jovens, faziam-lhes muito bem e os afeiçoava ao Oratório.

– Sim, isso é verdade, respondeu o Beato, fazem bem e são ouvidos com avidez; o único prejudicado sou eu, pois precisaria ter pulmões de ferro. Bem se pode dizer que no Oratório não há sequer um que não se sinta emocionado com tais narrações, pois na maioria das vezes esses sonhos impressionam a todos e cada um quer saber em que situação o tenha visto, o que deva fazer, que significado tenha isto ou aquilo. E eu fico aflito dia e noite. Se depois quero despertar o desejo das confissões gerais, não tenho outra coisa a fazer senão narrar um sonho. Escute, faça uma coisa. Domingo irei falar aos jovens e você interrompe-me em público. Eu então contarei o sonho.

No dia 23 de janeiro, após as orações da noite, ele subiu na cátedra. O seu rosto, radiante de alegria, manifestava, como sempre, a própria alegria de encontrar-se entre seus filhos. Após um pouco de silêncio, P. Barberis pediu para falar e perguntou:

– Desculpe, senhor Dom Bosco, permite-me fazer-lhe uma pergunta?

– Pois não, diga.

– Ouvi dizer que nestas noites passadas, teve um sonho de sementeira, com semeador, com galinhas e que já o contou ao clérigo Calvi. Poderia fazer o favor de contá-lo também a nós? Isso nos daria muito prazer.

– Curioso! – disse Dom Bosco em tom de bronca. E então explodiu uma gargalhada geral.

– Não importa, sabe, que me chame de curioso; contanto que nos conte o sonho. E com este meu pedido creio interpretar a vontade de todos os jovens que certamente o ouvirão com muito gosto.

– Se é assim, eu o conto. Não queria dizer nada porque há coisas que se referem a vários de vocês em particular e algumas também para você, que fazem arder um pouco as orelhas; mas já que me pediram, eu contarei.

– Mas, eh!, senhor Dom Bosco, se há alguma paulada para mim, poupe-a aqui em público.

– Eu contarei as coisas como as sonhei, cada um tome a sua parte. Mas antes de tudo é preciso que cada um tenha em mente que os sonhos me acontecem dormindo e dormindo não se pensa; por isso, se há algo de bom, alguma advertência a tomar, se tome. Além disso, ninguém fique preocupado. Disse que sonhando eu de noite dormia, porque alguns sonham também de dia e algumas vezes até mesmo estando acordados e com não leve incômodo dos professores para os quais tornam-se estudantes que importunam.

Parecia-me estar longe daqui e encontrar-me em Castelnuovo d’Asti, minha terra. Diante de mim, havia uma grande extensão de terra, situada em uma vasta e bela planície; mas aquele terreno não era nosso e não sabia de quem era.

Naquele campo vi muitos que trabalhavam com pás, enxadas e outros instrumentos. Havia um que arava, quem semeava o grão, quem aplainava a terra, quem fazia outras coisas. Havia aqui e lá chefes escolhidos para dirigir os trabalhos e, entre esses, parecia-me estar também eu. Coros de camponeses estavam em outro lugar cantando. Eu observava maravilhado e não sabia dar-me conta daquele lugar. Dizia a mim mesmo: – Mas, com que finalidade estas pessoas trabalham tanto? E respondia a mim mesmo: – Para prover o pão de cada dia aos meus jovens. E era realmente uma maravilha ver como aqueles bons agricultores não desistiam sequer um instante do trabalho e sem cessar

continuavam no seu trabalho com um ardor contínuo e com a mesma constância. Só alguns estavam rindo e brincando entre eles.

Enquanto eu contemplava tão belo quadro, olho ao meu redor e vejo que me rodeavam alguns padres e muitos dos meus clérigos, alguns próximos e outros a uma certa distância. Dizia comigo mesmo: – Mas eu sonho; os meus clérigos estão em Turim, aqui, ao invés, estamos em Castelnuovo. E depois, como pode ser isso? Eu estou com roupa de inverno da cabeça aos pés, somente ontem eu estava com tanto frio e agora aqui se semeia o grão. Eu me tocava as mãos e caminhava e dizia: – Mas realmente não estou sonhando, este é um campo real; este clérigo aqui é o clérigo A... em pessoa; este outro é o clérigo B. E depois, como no sonho eu poderia ver esta coisa e aquela outra?

Nesse meio tempo, vi ali perto mais à parte, um velho que aparentemente se mostrava muito benévolo e sensato, prudente, atento a observar-me e aos outros. Aproximei-me dele e lhe perguntei: – Diga-me, bravo homem, escute-me! Que é isso que eu vejo e não compreendo nada? Onde estamos aqui? Quem são esses trabalhadores? De quem é este campo?

– Oh, respondeu-me aquele homem; belas perguntas a serem feitas! É um padre e não sabe estas coisas?

– Mas por isso diga-me! Você acredita que eu sonho ou que esteja acordado? Pois me parece sonhar e não me parecem possíveis as coisas que vejo.

– Possibilíssimas, antes, reais e me parece que o senhor esteja bem desperto. Não se percebe? Fala, ri, brinca.

– E no entanto há alguns, eu acrescentei, que no sonho parecem falar, escutar, agir, como se estivessem acordados.

– Mas não; deixe de lado tudo isso. O senhor está aqui com corpo e alma.

– Seja pois assim; e se eu despertar, diga-me, então, de quem é este campo.

– O senhor estudou latim; qual é o primeiro nome da segunda declinação que estudou no Donato? Sabe-o ainda?

– Eh, claro que sei; mas o que tem a ver isso com a minha pergunta?

– Tem a ver e muitíssimo. Diga, pois, qual é o primeiro nome que se estuda na segunda declinação.

– É *Dominus*.

– E como é o genitivo?

– *Domini*!

– Bravo, bem, *Domini*; este campo é pois *Domini*, do Senhor.

– Ah! Agora começo a compreender alguma coisa! – exclamei.

Estava maravilhado pela conclusão obtida daquele bom velho. No momento vi várias pessoas chegando com sacos de grãos para semear e um grupo de camponeses cantava: *Exit, qui seminat, seminare semem suum* (O semeador saiu a semear a sua semente – Lc 8,5).

A mim parecia um pecado jogar fora aquela semente e fazê-las morrer enterrada. Era tão belo aquele grão! Não seria melhor, dizia comigo mesmo, não seria melhor triturá-lo e fazer dele pão ou massa? – Mas depois pensava: – Quem não semeia não recolhe. Se não se lança a semente e essa não apodrece, o que se recolherá depois?

Naquele instante vejo sair de todas as partes uma multidão de galinhas e irem para a semeadura bicar todo grão que outros espalhavam.

E aquele grupo de cantores continuava o seu canto: *Venerunt aves caeli, sustulerunt frumentum e reliquerunt zizaniam* (Vieram as aves do céu, pegaram o trigo e deixaram a cizânia – cf. Mt 12,43).

Dou uma olhada ao redor e observo aqueles clérigos que estavam comigo. Um com as mãos entrelaçadas estava olhando com fria indiferença; outro tagarelava com os colegas, outros se abraçavam; outros olhavam o céu, outros riam daquele quadro, outros continuavam tranquilamente o seu recreio e os seus jogos, outros terminavam algum trabalho seu; mas ninguém espantava as galinhas para fazê-las ir embora. Eu me dirijo a eles muito magoado e, chamando cada um pelo nome, dizia: – Mas o que fazem? Não veem aquelas galinhas comendo todo o grão? Não veem que destroem a boa semente, fazem desaparecer as esperanças destes bons lavradores? O que colherão depois? Por que estão assim calados? Por que não gritam, por que não as

fazem ir embora?

Mas os clérigos encolhiam os ombros, olhavam-me e nada diziam. Alguns nem sequer se viraram: não cuidavam antes daquele campo nem cuidarão depois que eu ralhei.

Vocês são todos insensatos! – eu continuava. As galinhas já estão todas com o papo cheio. Vocês não poderiam bater as mãos e fazer assim? E, no entanto, eu batia as mãos encontrando-me em uma verdadeira confusão, pois de nada adiantavam as minhas palavras. Então alguns se puseram a afugentar as galinhas, mas eu repetia comigo mesmo: – Eh, sim! Agora que todo o grão foi comigo, se espantam as galinhas!

Naquele momento me surpreendeu o ouvido o canto daquele grupo de lavradores os quais cantavam assim: *Canes muti nescientes latrare* (São cães mudos incapazes de ladrar – cf. Is 56,10).

Então me dirigi àquele bom velho e, entre estupefato e indignado, disse-lhe: – Vamos lá! Dê-me uma explicação do que vejo; eu não entendo nada disso. O que é aquela semente que se lança por terra?

– Oh, amigo! *Semen est verbum Dei* (A semente é a Palavra de Deus – Lc 8,11).

– Mas o que quer dizer isso, pois vejo que lá as galinhas a comem?

O velho, mudando o tom de voz, prosseguiu:

– Oh! Se quer uma explicação mais completa eu lha dou. O campo é a vinha do Senhor, da qual se fala no Evangelho, e se pode também entender do coração do homem. Os cultivadores são os operários evangélicos que, especialmente com a pregação, semeiam a Palavra de Deus. Esta palavra produziria muito fruto naquele coração, terreno bem preparado. Mas quê? Vêm os pássaros do céu e a levam embora.

– O que significam esses pássaros?

– Quer que eu lhe diga o que indicam? Indicam as murmurações. Ouvida aquela pregação que traria efeito, vai-se com os colegas. Um faz o comentário sobre um gesto, em voz alta, durante uma palavra do pregador, e então se perde todo o fruto da pregação. Um outro culpa o pregador por algum defeito físico ou intelectual, um terceiro ri do seu italiano, e todo

o fruto da pregação fica perdido. O mesmo deve-se dizer de uma boa leitura cujo bem fica impedido por uma murmuração. As murmurações são tanto piores, pois geralmente são secretas, ocultas e ali vivem e crescem onde nada mais podemos esperar. O grão, ainda que seja num campo não muito cultivado, todavia nasce, cresce, alcança uma boa altura e produz fruto. Quando num campo, há pouco semeado, vem um temporal, então ele se torna chão batido e não produz mais tanto fruto, mas ainda produz. Se também a semeadura não for tão boa, no entanto crescerá: trará pouco fruto, mas o trará. Ao invés, quando as galinhas ou os pássaros bicam as sementes, não tem mais jeito: o campo não produz mais nada; não traz fruto de qualidade. Do mesmo modo, se às pregações, aos conselhos, aos bons propósitos houver por trás alguma outra coisa como distração, tentação etc., haverá menos fruto; mas quando há murmuração, o falar mal ou coisa semelhante, aqui não há o pouco que permanece, mas há logo o tudo que é levado embora. E a quem compete bater palmas, insistir, ralhar, vigiar, para que estas murmurações, estas más conversas não aconteçam? O senhor o sabe!

– Mas o que faziam esses clérigos? – eu lhe perguntei. Não podiam eles impedir tanto mal?

– Não impediram nada, ele prosseguiu. Alguns estavam observando como estátuas mudas, outros não olhavam, não pensavam, não viam e ali estavam com os braços cruzados, outros não tinham a coragem para impedir esse mal; alguns poucos, porém, se uniam também aos murmuradores, tomavam parte nas suas maledicências, faziam o papel de destruidores da Palavra de Deus. Você que é padre insista sobre isto: prega, exorta, fala, não tenha medo de jamais falar demais; e todos saibam que criticar quem prega, quem exorta, quem dá bom conselho é o que provoca a parte maior do mal. E o ficar calado quando se vê alguma desordem e não impedi-la, especialmente quem poderia ou deveria, isto é, em resumo, tornar-se cúmplice do mal alheio.

Eu, ciente de tudo por essas palavras, queria ainda olhar, observar esta e aquela coisa, repreender os clérigos,

estimulá-los a cumprir o próprio dever. E eles já se mexiam e procuravam afugentar as galinhas. Mas eu, tendo dado alguns passos, tropecei num rastelo, destinado a aplainar a terra, deixado naquele campo, e acordei. Agora deixemos de lado tudo e vamos à moral. P. Barberis, o que nos diz a respeito deste sonho?

– Digo, respondeu P. Barberis, que é uma boa surra e um golpe a quem toca.

– Está certo, retomou Dom Bosco, é uma lição que precisa fazer-nos bem; e tenham em mente isto, meus queridos jovens, evitar entre vocês de qualquer maneira a murmuração, como um mal extraordinário, fugindo dela como se foge da peste, e não só evitá-la vocês, mas com toda força procurar fazer com os outros a evitem. Algumas vezes santos conselhos, ótimas obras não fazem o bem, que leva a impedir uma murmuração e qualquer palavra que possa prejudicar a outros. Armemo-nos de coragem e combatamo-la com franqueza. Não há pior desgraça do que a de fazer perder a palavra de Deus. E basta um mote, basta uma brincadeira.

Contei-lhes um sonho ocorrido já em várias noites, mas nesta noite passada tive um outro que agora desejo narrar-lhes. Ainda não é muito tarde; são apenas as nove eu posso expô-lo a vocês. Contudo procurarei não demorar.

Pareceu-me, então, encontrar-me num lugar que agora não me lembro mais qual fosse; eu não estava mais em Castelnuovo, mas parece-me que nem mesmo estivesse no Oratório. Veio alguém apressadamente me chamar: – Dom Bosco, venha! Dom Bosco, venha!

– Mas qual é o motivo de tanta pressa? – eu respondi.

– Está sabendo das coisas acontecidas?

– Eu não entendo o que você quer dizer: explique-me claramente, respondi ansioso.

– Não sabe, Dom Bosco, que tal jovem tão bom, tão animado, está gravemente enfermo, aliás, moribundo?

– Eu duvido que você queira brincar comigo, lhe disse: porque exatamente esta manhã falei e passei com o mesmo jovem que você agora me diz estar moribundo.

– Ah, Dom Bosco! Eu não o estou enganando e me julgo na obrigação de narrar-lhe a pura verdade. Aquele jovem tem grande necessidade do senhor e deseja vê-lo e falar-lhe pela última vez. Mas venha logo porque senão não chega em tempo.

Eu, sem saber o lugar, fui apressadamente atrás daquele tal. Chego em um lugar e vejo gente triste e chorando que me diz: Ajude-nos logo, por favor, porque está nas últimas.

– Mas o que aconteceu? – respondo. Fui levado em um quarto onde vejo deitado um jovem muito pálido no rosto, com uma cor quase cadavérica, com uma tosse e um estertor que o sufocava e mal permitia que ele falasse.

– Mas você não é o fulano de tal? – eu lhe disse:

– Sim, sou o tal.

– Como está?

– Estou mal!

– E como é que agora o vejo neste estado? Você não estava andando tranquilo sob os pórticos ontem e esta manhã?

– Sim, respondeu o jovem, ontem e esta manhã passeava sob os pórticos; mas agora faça depressa que eu tenho necessidade de confessar-me; vejo que me resta muito pouco tempo.

– Não se aflija, não se aflija; você confessou-se há poucos dias.

– É verdade e me parece não havia nenhuma falta grave no meu coração; todavia desejo receber a santa absolvição antes de apresentar-me ao Divino Juiz.

Eu ouvi a sua confissão. Mas observei que piorava visivelmente e um catarro estava para sufocá-lo. – Mas aqui é preciso agir rápido, digo comigo mesmo, se quiser que receba ainda o santo viático e o óleo santo. Antes, o viático não poderá mais recebê-lo, seja porque requer mais tempo para os preparativos, seja porque a tosse poderia impedi-lo de engolir. Depressa, o óleo santo!

Assim dizendo, saio do quarto e mando imediatamente um homem pegar a bolsa com os óleos santos. Os jovens que estavam na sala me perguntavam:

– Mas está realmente em perigo? Está mesmo moribundo, como se está dizendo?

– Infelizmente! – eu respondia. Não vê que a respiração se lhe torna cada vez mais lenta e o catarro o sufoca?

– Mas será melhor trazer-lhe também o viático e assim fortalecido mandá-lo nos braços de Maria.

Mas enquanto eu me apressava preparando o necessário, ouço um voz. – Expirou!

Entro de novo no quarto e encontro o enfermo com os olhos arregalados; não respira mais; está morto.

– Está morto? – perguntei para aqueles dois que o assistiam.

– Está morto, responderam-me. Está morto.

– Mas como vai, assim tão depressa? Diga-me: não é esse o fulano?

– Sim, é o fulano.

– Não posso acreditar! Ainda ontem passeava comigo sob os pórticos.

– Ontem passeava e agora está morto, me replicaram.

– Felizmente era um jovem bom! – exclamei. E dizia aos jovens que estavam ao meu redor: – Veem, veem? Este não pôde nem mesmo receber o viático e a extrema unção. Agradeçamos, porém, ao Senhor que lhe deu tempo para confessar-se. Este jovem era bom, frequentava bastante os sacramentos, e esperamos que tenha ido para uma vida feliz, ou ao menos no purgatório. Mas se tocasse um pouco a outros o mesmo destino, o que seria agora de alguns?

Dito isso, colocamo-nos todos de joelhos e rezamos um *De profundis* pela alma do pobre falecido.

Enquanto eu ia para o quarto, vejo chegar Ferraris [Coadjutor João Antônio Ferraris, livreiro] da livraria, o qual todo aflito, me diz:

– Sabe, Dom Bosco, o que aconteceu?

– Eh, infelizmente já sei! Morreu o tal! – respondo.

– Não é isso que eu quero dizer; há outros dois mortos.

– Como? Quem?

– O sicrano e o beltrano.

– Mas quando? Não compreendo.

– Sim, dois outros que morreram antes que o senhor chegasse.

– E por que não me chamou?

– Faltou tempo. Mas o senhor sabe dizer-me quando este aqui morreu?

– Morreu agora, respondi.

– O senhor sabe que dia é hoje e de que mês? – continuou Ferraris.

– Claro que sei: hoje é 22 de janeiro, segundo dia da novena de São Francisco de Sales.

– Não, disse Ferraris. O senhor se engana, Dom Bosco; veja bem. – Eu ergo os olhos para o calendário e vejo: *26 de maio*.

– Mas esta é boa! – exclamei. Estamos em janeiro e eu bem consciente de como estou vestido; não se veste assim em maio; em maio o aquecedor não estaria ligado.

– Eu não sei o que dizer-lhe ou que explicação dar-lhe, mas agora estamos no dia 26 de maio.

– Mas se apenas ontem faleceu este nosso companheiro e estávamos em janeiro.

– Engana-se, insistiu Ferraris; estávamos no tempo pascal.

– Mais uma você acrescenta e ainda maior!

– Tempo pascal, sem dúvida; estávamos no tempo pascal, e ele teve mais sorte de morrer na Páscoa do que os outros dois, que morreram no mês de Maria.

– Você está zombando de mim, eu lhe disse. Explique-se melhor, do contrário eu não o entendo.

– Eu não estou zombando, em absoluto. A coisa é assim. Se depois quiser saber mais, e que eu me explique melhor, eis! Esteja atento!

– Abri os braços, depois bati as duas mãos uma contra a outra bem forte. E despertei. Então exclamei: – Oh, que sorte! Não é realidade, mas um sonho. Que medo que eu tive!

Eis o sonho que tive na noite passada. Vocês deem a ele a importância que quiserem. Eu mesmo não quero dar-lhe fé totalmente. Hoje, porém, quis ver se aqueles que me pareceram mortos no sonho estavam vivos ainda, e os vi são e fortes. Certamente não convém que eu diga e não direi quem são aqueles. Todavia estarei de olho sobre os dois; se for necessário algum conselho para viver bem, lhes darei, e os prepararei fazendo vistas largas sem que percebam; porque

assim, se lhes ocorresse morrer, a morte não os encontre despreparados. Mas ninguém fique falando: Será este, será aquele. Cada um pense em si.

E não fiquem preocupados com isso. O efeito que deve surtir em vocês é simplesmente o que nos sugere o Divino Salvador no Evangelho: *Estote parati, quia, qua hora non putatis, filius hominis veniet* (Estejam preparados porque o Filho do homem virá na hora em que não pensais – Lc 12,4). É esta uma importante advertência que nos faz o Senhor, meus queridos jovens. Estejam sempre preparados porque na hora em que menos esperamos pode vir a morte, e aquele que não estiver preparado para morrer bem, corre o grave risco de morrer mal. Eu procuro estar preparado o melhor que posso e vocês façam o mesmo, a fim de que a qualquer hora que agrade ao Senhor chamar-nos, possamos estar prontos para passar à eternidade. Boa noite!

As palavras de Dom Bosco eram ouvidas sempre em religioso silêncio, mas quando ele falava destas coisas extraordinárias, entre as centenas de meninos que lotavam o lugar, não se ouvia um rumor de tosse nem a mais leve roçadura dos pés. A forte impressão durava semanas e meses; e com a impressão aconteciam mudanças radicais no comportamento de alguns endiabrados. Fazia-se depois fila ao redor do confessionário de Dom Bosco. Não vinha à cabeça de ninguém supor que ele inventasse aquelas narrativas para assustar e melhorar a vida dos jovens, porque os anúncios de mortes próximas tornavam-se realidade sempre e certos estados de consciência vistos em sonhos correspondiam à realidade.

Mas o temor produzido por tão lúgubres prognósticos não era uma angústia opressora? Não parece. Apresentavam-se muitas possibilidades e hipóteses a uma multidão de mais de oitocentos jovens a fim de que cada um pudesse preocupar-se disso. Além do mais, a persuasão realmente difundida, que quem morria no Oratório ia certamente para o Paraíso, e que Dom Bosco preparava os designados sem assustá-los, contribuía para expulsar todo temor do espírito. Por outro lado, sabe-se bem quão grande é a volubilidade juvenil, num instante a fantasia

dos jovens é atingida e abalada; mas depois aquela lembrança se liberta bem depressa de qualquer preocupação. É o que nos atestavam unânimes os sobreviventes daqueles tempos.

Tendo os jovens ido dormir, alguns coirmãos que rodeavam o Beato cobriam-no de perguntas para saber se algum deles estava entre aqueles que deviam morrer. O Servo de Deus, sorrindo conforme o seu costume e girando a cabeça, repetia:

– Já, já! Virei dizer-lhes quem é, com perigo de fazer alguém morrer antes do tempo!

Visto que ali não se tirava nada, perguntaram-lhe se no primeiro sonho havia também clérigos fazendo parte das galinhas, que se entregassem à murmuração. Dom Bosco, que passeava, parou, olhou para os interlocutores e deu um risinho como para dizer: – Eh! Alguém sim; mas poucos, e não acrescentou nada mais. – Então lhe pediram que dissesse ao menos se eles estavam entre os cães mudos; o Beato se firmou nos princípios gerais, observando que era preciso estar atentos para evitar e fazer evitar as murmurações e em geral todas as desordens, especialmente as más conversas. – Ai do padre e do clérigo, disse, o qual, encarregado da vigilância, vê as desordens, e não as impede! Desejo que se saiba e se lembrem que com a palavra “murmurações” eu não entendo apenas o cortar a casaca pelas costas, mas toda conversa, todo gracejo, toda palavra que possa diminuir em um colega o fruto da Palavra de Deus ouvida. Em geral, entendo dizer que é um grande mal calar-se, quando se conhece alguma desordem, não a impedindo ou não procurando que a impeça quem de direito.

Um mais ousado fez ao Servo de Deus uma pergunta um tanto arriscada.

– E P. Barberis, por que entra no sonho? O senhor disse que havia também para ele, e o próprio P. Barberis parecia esperar para si uma boa paulada. – P. Barberis estava presente. Inicialmente Dom Bosco acenava a não querer responder. Mas depois, permanecendo ao seu lado apenas alguns padres e mostrando-se P. Barberis satisfeito que ele revelasse o segredo, o Beato disse:

– Eh! P. Barberis não prega suficientemente sobre este ponto;

não insiste quanto é preciso sobre este assunto. – P. Barberis confirmou que nem no ano anterior nem no ano em curso jamais se tinha fixado de propósito sobre aqueles temas aos seus noviços; gostou muito da observação e pendurou-a na orelha para o futuro.

Dito isto, subiram as escadas e todos, após beijar a mão de Dom Bosco, se afastaram e foram dormir. Todos, menos P. Barberis que, conforme o costume, acompanhou-o até a porta do seu quarto. Dom Bosco, vendo que ainda era cedo e pressentindo que não poderia dormir, porque fortemente impressionado pelas coisas expostas, contra o seu hábito costumeiro, fez P. Barberis entrar em seu aposento, dizendo:

– Já que ainda temos tempo podemos dar dois passos num vai-e-vem pela sala.

Assim continuou a discorrer por uma meia hora. Disse então outras coisas: – Eu, no sonho, vi todos e vi o estado em que cada um se encontrava; se galinha, se cão mudo, se no número daqueles que avisados se puseram mãos à obra ou não se moveram. Sirvo-me desta doutrina confessando, exortando em público até ver que produzam o bem. No início não dava muita importância a esses sonhos; mas percebi que na maior parte das vezes são mais eficazes que as pregações; antes, para alguns são mais eficazes do que um curso de Exercícios Espirituais, por isso sirvo-me deles. E por que não? Lê-se na Sagrada Escritura: *Probate spiritus: quod bonum est tenete* (Examinai vossas almas; guardai o que é bom – cf. 1Ts 5,21). Vejo que valem, vejo que agradam, e por que mantê-los secretos? Antes, vejo que contribuem para afeiçoar muitos à Congregação.

– Experimentei eu mesmo, interrompeu P. Barberis, quão úteis são esses sonhos e quão salutares. Mesmo narrados alhures, fazem bem. Onde Dom Bosco é conhecido, pode-se dizer que são sonhos que ele teve; onde não é conhecido, pode-se apresentar como semelhança. Oh, se se pudesse fazer disso uma antologia, expondo-lhes em forma de semelhanças! Seriam procurados e lidos por crianças e por adultos, por jovens e por idosos, com vantagem para suas almas.

– Já, já! Fariam bem, estou intimamente convicto disso.

- Mas, talvez, lamentou P. Barberis, ninguém os recolheu por escrito.
 - Eu, retomou Dom Bosco, não tenho tempo e de muitas coisas não me lembro mais.
 - Aquilo de que me lembro, replicou P. Barberis, são os sonhos que se referiam aos progressos da Congregação, ao estender-se do manto de Nossa Senhora.
 - Ah, sim! – exclamou o Beato. E acenou a várias visões deste gênero. Tomando depois um ar mais sério e meio conturbado, prosseguiu:
 - Quando penso na minha responsabilidade na posição em que me encontro, tremo inteiramente... Que contas tremendas deverei prestar a Deus por todas as graças que nos concede para o bom andamento da nossa Congregação!
- (MBp XII, 36-48)*

Foto: shutterstock.com

0 grilo e a moeda

Um sábio indiano tinha um amigo próximo que morava em Milão. Eles se conheceram na Índia, onde o italiano tinha ido com sua família em uma viagem de turismo. O indiano serviu de guia para o italiano, levando-o para explorar os cantos mais característicos de sua terra natal.

Agradecido, o amigo milanês convidou o indiano para ir à sua casa. Ele queria retribuir o favor e apresentá-lo à sua cidade. O indiano relutou muito em ir, mas acabou cedendo à insistência do amigo italiano e, em um belo dia, desembarcou de um avião em Malpensa.

No dia seguinte, o milanês e o indiano estavam caminhando pelo centro da cidade. O indiano, com seu rosto cor de chocolate, barba preta e turbante amarelo, atraía os olhares dos

transeuntes, e o milanês caminhava orgulhoso por ter um amigo tão exótico.

De repente, na Praça São Babila, o indiano parou e disse: “O senhor está ouvindo o que eu estou ouvindo?”. O milanês, um pouco desnordeado, esforçou os ouvidos o máximo que pôde, mas admitiu que não ouvia nada além do grande barulho do trânsito da cidade.

“Há um grilo cantando aqui perto”, continuou o indiano, confiante.

“O senhor está enganado”, respondeu o milanês. “Eu só ouço o barulho da cidade. Além disso, imagine se há grilos por aqui”.

“Não estou enganado. Estou ouvindo o canto de um grilo”, retrucou o indiano e, resoluto, começou a procurar entre as folhas de algumas plantinhas miúdas. Depois de algum tempo, ele apontou para seu amigo, que o observava com ceticismo, um pequeno inseto, um esplêndido grilo cantante, que se encolhia resmungando contra os perturbadores de seu concerto.

“O senhor viu como havia um grilo?”, disse o indiano.

“É verdade”, admitiu o milanês. “Os senhores indianos têm uma audição muito mais aguçada do que nós, brancos...”.

“Desta vez o senhor está errado”, sorriu o sábio indiano.

“Tenha cuidado...” O indiano tirou uma moeda do bolso e, fingindo não perceber, deixou-a cair na calçada.

Imediatamente, quatro ou cinco pessoas se viraram para olhar.

“O senhor viu isso?”, explicou o indiano. “Essa moeda fez um tilintar mais leve e mais fraco do que o cantar do grilo. Mas o senhor já notou quantos brancos a ouviram?”

“Onde estiver o seu tesouro, ali estará também o seu coração.”

Dom Bosco assiste a uma reunião de demônios (1884)

As páginas a seguir nos levam ao cerne da experiência mística de São João Bosco, através de dois sonhos vívidos que ele teve entre setembro e dezembro de 1884. No primeiro, o Santo atravessa a planície em direção a Castelnuovo com um personagem misterioso e reflete sobre a escassez de padres, advertindo que apenas trabalho incansável, humildade e moralidade podem fazer florescer vocações autênticas. No segundo ciclo onírico, Bosco assiste a um concílio infernal: demônios monstruosos conspiram para aniquilar a nascente Congregação Salesiana, espalhando gula, avidez por riquezas, liberdade sem obediência e orgulho intelectual. Entre presságios de morte, ameaças internas e sinais da Providência, esses sonhos se tornam um espelho dramático das lutas espirituais que aguardam todo educador e a Igreja inteira, oferecendo ao mesmo tempo advertências severas e esperanças luminosas.

Ricos em ensinamentos são dois sonhos que ele teve em setembro e dezembro.

O primeiro, ocorrido na noite de 29 para 30 de setembro, é uma lição para os sacerdotes. Parecia que ele estava indo em direção a Castelnuovo, atravessando uma planície; um venerável sacerdote, cujo nome ele disse não se lembrar mais, estava caminhando ao seu lado. O discurso tratava sobre os sacerdotes. – Trabalho, trabalho, trabalho! diziam eles. Esse deveria ser o objetivo e a glória dos sacerdotes. Nunca se cansem de trabalhar. Então, quantas almas seriam salvas! Quantas coisas seriam feitas para a glória de Deus! Ah, se o missionário realmente agisse como missionário, se o pároco realmente atuasse como pároco, quantas maravilhas de santidade brilharão por todos os lados! Mas, infelizmente, muitos têm medo de trabalhar e preferem seu próprio conforto...

Raciocinando dessa forma entre si, chegaram a um lugar chamado Filippelli. Então Dom Bosco começou a lamentar a falta de sacerdotes em nossos dias.

– É verdade, replicou o outro, há uma escassez de sacerdotes; mas se todos os sacerdotes agissem como sacerdotes, haveria um número suficiente deles. Alguns não fazem nada mais do que servir como um padre de família; outros, por timidez, ficam ociosos, enquanto que se se lançassem ao ministério, se fizessem o exame de confissão, preencheriam um grande vazio nas fileiras da Igreja... Deus distribui as vocações de acordo com a necessidade. Quando veio o recrutamento militar dos clérigos, todos ficaram assustados, como se ninguém mais fosse se tornar padre; mas quando as fantasias se acalmaram, viu-se que as vocações estavam crescendo em vez de diminuir.

– E agora, perguntou Dom Bosco, o que se deve fazer para promover as vocações entre os jovens?

– Nada mais, respondeu seu companheiro, do que cultivar zelosamente a moralidade entre eles. A moralidade é a sementeira das vocações.

– E o que os padres devem fazer de modo especial para garantir que sua vocação dê frutos?

– *Presbyter discat domum suam regere et sanctificare.* (O sacerdote deve aprender a governar e santificar sua casa). Que cada um seja um exemplo de santidade em sua própria família e paróquia. Que não seja desordenado com a gula, que não se envolva em cuidados temporais... Que primeiro seja um modelo em casa e depois será o primeiro fora dela.

Num certo ponto do caminho, aquele sacerdote perguntou a Dom Bosco para onde ia; Dom Bosco indicou Castelnuovo. Ele então o deixou seguir em frente e permaneceu com um grupo de pessoas estavam diante dele. Depois de alguns passos, Dom Bosco acordou. Nesse sonho, podemos ver uma lembrança das antigas caminhadas por esses lugares.

Prediz a morte de salesianos

O segundo sonho se refere à Congregação e adverte sobre os perigos que poderiam ameaçar sua existência. Na verdade, mais do que um sonho, é uma discussão que se desdobra em uma sucessão de sonhos.

Na noite de 1º de dezembro, o clérigo Viglietti foi acordado por gritos lancinantes vindos do quarto de Dom Bosco. Ele imediatamente pulou da cama e ficou ouvindo. Dom Bosco, com uma voz sufocada pelos soluços, gritou:

– Ai de mim! Ai de mim! Socorro! Socorro!

Viglietti entrou sem mais delongas:

– Oh, Dom Bosco, disse ele, está se sentindo mal?

– Oh, Viglietti! respondeu ele, acordando. Não, não estou doente; mas ele nem conseguia respirar. Mas basta isso: volte para a cama tranquilamente e durma.

De manhã, quando Viglietti, como de costume, lhe trouxe o café depois da missa, ele começou a dizer:

– Oh, Viglietti! Eu não aguento mais; meu estômago está todo revirado por causa da gritaria desta noite. Estou tendo sonhos há quatro noites seguidas, que me obrigam a gritar e me deixam exausto. Há quatro noites, vi uma longa fila de salesianos, todos indo um após o outro, cada um carregando um bastão, no topo do qual havia uma placa e, na placa, um número impresso. Em um deles, estava escrito 73, em outro, 30, em um terceiro, 62 e assim por diante. Depois que muitos passaram, a lua apareceu no céu, na qual, à medida que um salesiano aparecia, podia-se ver um número nunca maior que 12, e atrás dele vinham muitos pontos pretos. Todos os salesianos que eu tinha visto foram e sentaram-se cada um em um túmulo preparado.

E aqui está a explicação dada para esse espetáculo. O número nos cartazes era o número de anos de vida destinados a cada um; o aparecimento da lua em várias formas e fases indicava o último mês de vida; os pontos pretos eram os dias do mês em que morreriam. Às vezes, ele via um número cada vez maior de pessoas reunidas em grupos: eram aquelas que morreriam juntas, no mesmo dia. Se ele quisesse narrar detalhadamente todos os incidentes e circunstâncias, ele

garantiu que teria levado pelo menos dez dias inteiros.

Assiste a um conselho de demônios

Três noites atrás, continuou ele, sonhei novamente. Vou lhe contar em poucas palavras. Parecia-me que eu estava em um grande salão, onde demônios em grande número estavam realizando uma conferência e discutindo como exterminar a Congregação Salesiana. Eles se pareciam com leões, tigres, cobras e outras feras; mas sua figura era como que indeterminada e se aproximava mais da figura humana. Pareciam sombras, que ora se abaixavam, ora se levantavam, encolhiam-se e esticavam-se, como muitos corpos fariam se tivessem uma luz atrás de si, carregada de um lado ou de outro, ora abaixada até o chão, ora levantada. Mas aquela fantasmagoria era assustadora.

Ora, eis que um dos demônios avançou e abriu a sessão. Para destruir a Pia Sociedade, ele propôs um meio: a *gula*. Ele mostrou as consequências desse vício: inércia para o bem, corrupção da moral, escândalo, falta de espírito de sacrifício, falta de cuidado com os jovens... Mas outro demônio lhe respondeu:

– Este meio não é geral e eficaz; nem todos os membros podem ser atacados com ele de uma só vez, porque a mesa dos religiosos será sempre frugal e o vinho comedido: a regra fixa sua comida ordinária: os Superiores vigiam para evitar a desordem. Aqueles que às vezes exageram no comer e no beber, em vez de escandalizar, causariam antes repulsa. Não, essa não é a arma para combater os Salesianos; proporei outro meio, que será mais eficaz e atingirá melhor nosso objetivo: o *amor às riquezas*. Em uma Congregação religiosa, quando o amor às riquezas está envolvido, o amor ao conforto também está envolvido, procura-se de todas as maneiras criar um pecúlio, o vínculo da caridade é quebrado, cada um pensa em si mesmo, os pobres são negligenciados para cuidar apenas daqueles que são afortunados, a Congregação é roubada...

Ele queria continuar, mas um terceiro demônio surgiu.

– Mas que gula! exclamou ele. Mas que riquezas! Entre os Salesianos, o amor às riquezas pode vencer poucos. Os Salesianos são todos pobres; têm poucas oportunidades de adquirir um pecúlio. Em geral, portanto, são assim constituídos e suas necessidades para tantos jovens e para tantas casas são tão imensas que qualquer soma, mesmo grande, seria consumida. Não é possível que eles acumulem bens. Mas eu tenho um meio infalível de conquistar a Sociedade Salesiana para nós, que é a *liberdade*. Induzir os Salesianos a desprezar as Regras, a rejeitar certos encargos como pesados e desonrosos, levá-los a afastar-se de seus Superiores com opiniões diferentes, a ir para casa sob o pretexto de convites e coisas do gênero.

Enquanto os demônios falavam, Dom Bosco pensava: – Estou atento, sabe, ao que vocês estão dizendo. Falem, falem, para que eu possa desmascarar suas tramas.

Enquanto isso, um quarto demônio deu um pulo e gritou:

– Qual o quê! Suas armas são fracas! Os Superiores saberão restringir essa liberdade, expulsarão das casas qualquer um que se atreva a se mostrar rebelde às Regras. Alguns podem se deixar levar pelo amor à liberdade, mas a grande maioria se manterá fiel ao seu dever. Eu tenho um meio adequado para arruinar tudo desde os alicerces; um meio tal que os Salesianos dificilmente poderão perceber: será realmente um desgaste fatal. Ouçam-me com atenção. *Persuadi-los de que o fato de serem instruídos é o que deve constituir sua principal glória*. Portanto, induzi-los a estudar muito para si mesmos, para adquirir fama, e a não praticar o que aprendem, a não fazer uso da ciência em benefício dos outros. Daí a arrogância em suas maneiras para com os ignorantes e os pobres, preguiça no ministério sagrado. Não mais oratórios festivos, não mais catecismos para crianças, não mais escolas primárias para instruir os meninos pobres e abandonados, não mais longas horas no confessionário. Eles apenas pregariam, mas de forma rara e comedida e estéril, porque seria feita por orgulho, a fim de obter o louvor dos homens e não para salvar

almas.

Sua proposta foi recebida com aplausos gerais. Então Dom Bosco vislumbrou o dia em que os Salesianos poderiam se dar ao luxo de acreditar que o bem da Congregação e sua honra deveriam consistir apenas no conhecimento, e temia que não só agissem dessa maneira, mas também pregassem em voz alta que deveriam agir assim.

Também desta vez Dom Bosco estava em um canto da sala, ouvindo e observando tudo, quando um dos demônios o descobriu e, aos gritos, apontou-o para os outros. Com esse grito, todos correram para ele, gritando:

– Nós vamos acabar com isso! Era uma confusão infernal de fantasmas, que o golpeavam, agarravam-no pelos braços e pelo corpo todo, e ele gritou: Me soltem! Socorro! – Finalmente, ele acordou com o estômago revirado de tanto gritar.

Leões, tigres e monstros vestidos de cordeiros

Na noite seguinte, ele percebeu que o demônio havia atacado os Salesianos em seu ponto mais essencial, levando-os a transgredir as Regras. Entre eles, estavam diante dele, distintamente, os que as observavam e os que não as observavam.

Na última noite, o sonho foi assustador. Dom Bosco viu um grande rebanho de cordeiros e ovelhas que representavam o mesmo número de salesianos. Ele se aproximou, tentando acariciar os cordeiros; mas percebeu que a lã deles, em vez de ser lã de cordeiro, servia apenas de cobertura, escondendo leões, tigres, cães raivosos, porcos, panteras, ursos, e cada um tinha um monstro feio e feroz em seus flancos. No meio do rebanho estavam alguns poucos reunidos em conselho. Dom Bosco, sem perceber, aproximou-se deles para ouvir o que diziam: estavam planejando como destruir a Congregação Salesiana. Um deles disse:

- Temos de massacrar os Salesianos.
- E outro acrescentava zombeteiro:
- Devemos estrangulá-los.

Mas, no melhor momento, um deles viu Dom Bosco por perto, ouvindo. Ele deu o alarme e todos gritaram em uma só voz que deveriam começar por Dom Bosco. Dito isso, correram para ele como se quisessem estrangulá-lo. Nesse momento, ele deu o grito que acordou Viglietti. Outra coisa, além da violência diabólica, oprimia então seu espírito: ele tinha visto um grande cartaz sobre aquele rebanho, onde se lia: *BESTIIS COMPARATI SUNT* (são comparados a feras). Tendo dito isso, ele abaixou a cabeça e chorou.

Viglietti pegou sua mão e a apertou ao coração:

– Ah! Dom Bosco, disse-lhe ele, seremos sempre filhos fiéis e bons para o senhor, não é verdade, com a ajuda de Deus?

– Caro Viglietti, respondeu ele, acalme-se e prepare-se para ver os acontecimentos. Eu mal mencionei esses sonhos para você; se eu tivesse que lhe contar tudo em detalhes, eu precisaria ainda de muito mais tempo. Quantas coisas eu vi! Há alguns em nossas casas que nunca mais farão a novena do Santo Natal. Ah, se eu pudesse falar com os jovens, se eu tivesse forças para me divertir com eles, se eu pudesse percorrer as casas, fazer o que eu costumava fazer, revelar a cada um o estado de sua consciência, como eu o vi no sonho, e dizer a algumas pessoas: Quebre o gelo, faça uma boa confissão uma vez! Elas responderiam: Mas eu já fiz uma boa confissão! Em vez disso, eu poderia responder, dizendo-lhes o que eles mantiveram em silêncio para que não ousassem abrir a boca novamente. Até mesmo alguns Salesianos, se eu conseguisse falar com eles, veriam a necessidade de corrigir seus caminhos, fazendo confissões novamente. Vi aqueles que observavam as Regras e aqueles que não as observavam. Vi muitos jovens que iam para São Benigno, tornavam-se Salesianos e depois desertavam. Desertarão também alguns que já são Salesianos. Haverá aqueles que desejarão, acima de tudo, a ciência que infla, que busca os elogios dos homens e que os faz desprezar os conselhos daqueles que eles acreditam ser inferiores a eles em termos de conhecimento...

Entrelaçadas a esses pensamentos angustiantes

estavam consolações providenciais, que alegraram seu coração. Na noite de 3 de dezembro, o bispo do Pará, o país central no sonho das Missões, chegou ao Oratório. E no dia seguinte ele disse a Viglietti:

– Como é grande a Providência! Ouça e depois diga se não estamos protegidos por Deus. No mesmo dia, uma senhora de Marselha, que desejava rever seu irmão religioso em Paris, feliz por ter obtido uma graça de Nossa Senhora, trouxe mil francos para o Padre Álbera. O P. Ronchail está em situação difícil e precisa absolutamente de quatro mil francos; uma senhora escreveu hoje a Dom Bosco para colocar quatro mil francos à sua disposição. O P. Dalmazzo não sabe mais onde aonde ir para conseguir dinheiro; hoje uma senhora doou uma soma muito considerável para a igreja do Sagrado Coração. – E, em 7 de dezembro, houve a alegria da ordenação de Dom Cagliero. Todos esses fatos foram ainda mais encorajadores porque eram sinais visíveis da mão de Deus na obra de seu Servo.

(MB XVII 383-389)

Presentes dos jovens a Maria (1865)

No sonho narrado por Dom Bosco na Crônica do Oratório, datado de 30 de maio, a devoção mariana converte-se num vívido juízo simbólico sobre os jovens do Oratório: um cortejo de jovens apresenta-se, cada qual com um dom, diante de um altar splendidamente adornado para a Virgem. Um anjo, guardião da comunidade, acolhe ou rejeita as oferendas, desvendando-lhes o significado moral – flores perfumadas ou murchas, espinhos de desobediência, animais que personificam vícios graves como a impureza, o roubo e o escândalo. No âmago da visão, ecoa a

mensagem educativa de Dom Bosco: humildade, obediência e castidade são os três pilares para se merecer a coroa de rosas de Maria.

O Servo de Deus se consolava com a devoção a Maria Santíssima, honrada no mês de maio pela comunidade inteira de maneira especial. De suas pequenas falas à noite, a Crônica tem-nos conservado somente aquela do dia 30 do mês, que, entretanto, é de enorme preciosidade.

30 de maio

Vi um grande altar dedicado a Maria, magnificamente decorado. Vi todos os jovens do Oratório, que em procissão se dirigiam para ele. Cantavam os louvores à Virgem Celeste, mas nem todos do mesmo modo, ainda que cantassem o mesmo hino. Muitos cantavam verdadeiramente bem e com precisão de ritmo, alguns mais forte outros mais suave. Outros cantavam com vozes péssimas e roucas. Uns destoavam. Havia os que avançavam silenciosos e saíam da fila. Uns bocejavam e pareciam enjoados; uns se empurravam e riam entre si. Todos também levavam seus presentes para oferecer a Maria. Todos tinham um ramalhete de flores, uns grandes e outros menores, diferentes um do outro. Quem tinha rosas, quem cravos, outro, violetas etc. Alguns levavam à Virgem presentes de fato estranhos: um a cabeça de um porco, outro um gato, quem um prato de sapos, quem um coelho, outro um cordeiro e outras ofertas.

Um belo jovem estava na frente do altar, o qual, se observado com atenção se via que tinha asas nas costas. Talvez fosse o Anjo da Guarda do Oratório. À medida que os jovens chegavam, ele pegava as ofertas e as colocava sobre o altar.

Os primeiros ofereceram magníficos buquês de flores; o anjo, sem nada dizer, os colocou no altar. Muitos outros trouxeram seus ramalhetes. O anjo os olhou, mandou desmanchar o ramalhete, fez tirar algumas flores que estavam

estragadas, jogando-as fora e, refeito o ramalhete, o colocou sobre o altar. A outros que tinham flores bonitas, mas sem aroma, como seriam as dalias, as camélias etc., o anjo as fez jogar fora, pois Maria quer a realidade e não as aparências. E assim, refeito o ramalhete, o anjo o ofereceu à Virgem. Dentre as flores, muitas tinham espinhos, poucos ou muitos. Outras tinham pregos, e o anjo retirou estes e aqueles.

Chegou, então, aquele trazia o porco, e o anjo lhe disse: – Tem coragem de oferecer a Maria este presente? Sabe o que significa o porco? Significa o vício feio da impureza. Maria que é toda pura não pode aceitar este dom. Retire-se, portanto, pois você não é digno de ficar na frente dela.

Aproximaram-se os que tinham um gato. O anjo lhes disse: – Vocês também ousam trazer a Maria estes presentes? Sabem o que significa o gato? Simboliza o roubo, e vocês o oferecem à Virgem? São ladrões os que pegam dinheiro, coisas, livros dos companheiros; os que roubam comida do Oratório; que estragam as roupas por despeito, e desperdiçam o dinheiro dos pais porque não estudam. – E fez que estes também se retirassem à parte.

Vieram os que tinham os pratos com sapos, e o anjo, indignado, disse: – Os sapos significam os vergonhosos pecados de escândalo, e vocês vêm para oferecê-los à Virgem? Voltem; retirem-se com os outros indignos. – Retiraram-se confusos.

Alguns vinham com um punhal cravado no coração. Este punhal significava os sacrilégios. O anjo lhes disse: – Vocês não percebem que estão com a morte na alma? Que se estão com vida, é por misericórdia especial de Deus? De outra maneira estariam perdidos. Por favor, façam arrancar esse punhal! – E estes também foram rejeitados.

Aos poucos todos os jovens se aproximaram. Há quem ofereceu cordeiros, coelhos, peixes, nozes, uva etc., etc. O anjo aceitou tudo e tudo colocou sobre o altar. E, após ter separados os jovens bons dos maus, mandou todos, dos quais foram aceitos os presentes a Maria, fazerem fila diante do altar. Os que tinham sido postos à parte, foram, para minha

dor, muito mais numerosos do que acreditava.

Apareceram, então, de um e de outro lado do altar, outros dois anjos. Seguravam duas riquíssimas cestas cheias de coroas feitas de rosas estupendas. Essas rosas não eram propriamente rosas da terra, mas sim, eram como que artificiais, símbolos da imortalidade.

E o Anjo da Guarda pegou uma por uma daquelas coroas, e coroou todos os jovens que estavam enfileirados diante do altar. Entre as coroas havia umas maiores e outras menores, mas todas de admirável beleza. Notem que não estavam presentes somente os jovens atualmente da casa, mas também muitos outros que eu nunca vi. Pois bem, aconteceu uma coisa maravilhosa! Havia jovens de fisionomia tão feia que quase causavam nojo e repugnância. As estes couberam as coroas mais bonitas, significando que um exterior tão feio era suprido pelo presente, a virtude da castidade em grau eminente. Muitos se distinguiam por outras virtudes, como obediência, humildade, amor a Deus, e todos, de acordo com a grandeza destas virtudes, recebiam coroas correspondentes. E o anjo lhes disse:

– Maria hoje quis que vocês fossem coroados com tão belas rosas. Recordem-se, contudo, de continuar de forma que não lhes sejam tiradas. Os meios para conservá-las são três. Pratiquem: 1º a humildade; 2º a obediência; 3º a castidade. Três virtudes que os farão sempre aceitos por Maria e, um dia, os tornarão dignos de receber uma coroa infinitamente mais linda do que estas.

Então os jovens começaram a entoar diante do altar o *Ave, Maris Stella* (Ave, estrela do mar).

E, tendo cantado a primeira estrofe, se movimentaram para retornar em procissão como tinham vindo, cantando o hino: *Lodate Maria!* Suas vozes eram tão fortes que eu fiquei espantado e maravilhado. Segui-os ainda por alguns instantes, voltando para ver os jovens separados pelo anjo. Porém não os vi mais.

Meus caros! Sei quem foi coroado e quem o anjo expulsou. Di-lo-ei aos interessados, a fim de que procurem

levar à Virgem presentes que ela se digne aceitar.

Enquanto isso, algumas observações. – A primeira: Todos levavam flores à Virgem; havia flores de todos os tipos. Porém, observei que todos, quem mais quem menos, no meio das flores tinham espinhos. Pensei e pensei o que significariam aqueles espinhos, e descobri que realmente significavam a desobediência. Conservar dinheiro sem autorização e sem querer entregá-lo ao Prefeito [ecônomo]; solicitar permissão para ir a um lugar e depois ir num outro; ir para a aula quando os outros lá já se encontram há algum tempo; preparar saladas e outras comidas às escondidas; ir aos dormitórios dos outros quando é absolutamente proibido, qualquer que seja o motivo que possam ter; levantar-se tarde de manhã; deixar as práticas de piedade prescritas; conversar quando é tempo de fazer silêncio; comprar livros sem os mostrar; enviar sem licença cartas por meio de terceiros, para que não sejam vistas, e recebê-las usando o mesmo expediente; fazer contratos de compra e venda um com o outro. Eis o que significam os espinhos. Muitos de vocês perguntarão: é então pecado transgredir as regras da casa? Pensei seriamente nesta questão; respondo-lhes absolutamente, sim. Não lhes digo se grave ou leve: as circunstâncias dirão, mas é pecado. Alguém me dirá: mas na lei de Deus não está que devemos obedecer às regras da casa! Ouçam: está nos mandamentos: – *honra pai e mãe!* Sabem o que significam estas palavras *pai e mãe?* Referem-se também a quem lhes faz as vezes. Não está também escrito na sagrada escritura: *oboedite praepositis vestris* (Obedecei aos vossos dirigentes – Hb 13,17)? Se vocês têm de obedecer, é natural que eles têm de mandar. Eis a origem das regras de um Oratório, e eis se são obrigatórias ou não.

Segunda observação: – Alguns tinham pregos no meio de suas flores, pregos que tinham servido para pregar o Senhor Jesus. E como? Sempre se começa pelas pequenas coisas e depois se chega às grandes. Aquele um queria ter dinheiro para satisfazer seus caprichos, portanto, para gastá-lo à sua maneira, não quis entregá-lo; depois começou a roubar livros de aula e terminou por furtar dinheiro e coisas dos colegas.

Esse outro queria satisfazer a gula, e por isso garrafas etc., depois se permitiu licenças, em suma, caiu em pecado mortal. Eis como se acharam pregos naqueles ramalhetes; eis como o bom Jesus foi crucificado. O apóstolo diz que os pecados colocam de novo o Salvador na Cruz: *Rursus crucifigentes filium Dei* (Crucificam novamente o Filho e Deus – Hb 6,6).

Terceira observação. – Muitos jovens tinham, entre as flores frescas e odoríferas, também flores murchas e podres, ou flores bonitas, mas sem aroma. Aquelas significavam as obras boas, mas feitas em pecado mortal, obras que não ajudam a aumentar seus merecimentos. As flores sem aroma são as obras realizadas por objetivos humanos, por ambição, somente para agradar aos professores e aos superiores. Então o anjo os censurava por ousarem levar semelhantes ofertas a Maria, e os mandava de volta para refazer o ramalhete. Eles se retiravam, o desfaziam, tiravam as flores estragadas e, depois, ajeitadas de novo as flores, as amarravam como antes, e as levavam ao anjo que, então, as aceitava e as colocava na mesa. Estes ao voltar não seguiam nenhuma ordem de fila, mas mal estavam prontos, quem antes, quem depois, cada um trazia de volta seu ramalhete e ia se colocar com aqueles que deviam receber a coroa.

Neste sonho eu vi tudo o que foi e o que será de meus jovens. Para muitos já o disse. Aos outros, di-lo-ei. Por enquanto, procurem que esta Virgem Celeste sempre receba de vocês presentes que nunca tenham de ser recusados.

(MBp VIII, 157-161)

Foto de abertura: Carlo Acutis durante uma visita ao Santuário Mariano de Fátima.

O lenço da pureza (1861)

No dia 16 de junho, Dom Bosco apresentou como estreia para os jovens o compromisso de fazer uma oração especial, a fim de que Deus fizesse cair em si *aqueles do grande macaco* que disse apenas ser um número no plural. Na noite do dia 18, contou a seguinte historieta, ou espécie de sonho, como a definiu em outra ocasião. A maneira, porém, que mantinha em contar era sempre tal, que dele pôde repetir o P. Rufino, que conservou escrita a lembrança, o que Baruc falava das visões de Jeremias: “Ele ia ditando para mim todas estas palavras (como se as lesse), e eu as escrevia no rolo com tinta” (Jr 36,18).

E Dom Bosco falou assim:

Era a noite de 14 para 15 do mês. Logo que me deitei, apenas tive um pouco de sonolência, senti um grande golpe na cabeceira da cama como se alguém batesse com um pedaço de pau. Sentei-me na cama. Logo me lembrei do raio. Olhei de um lado para outro. Não vi nada. Convenci-me de que estava a sonhar e que nada houvera de real. Voltei a deitar-me. Apenas comecei a querer pegar no sono, houve uma segunda pancada que me fere as orelhas e me abala. Então me levantei nos travesseiros, descii da cama, procurei, examinei debaixo da cama, debaixo da mesa e nos cantos do quarto, mas não vi nada. Então coloquei-me nas mãos do Senhor, persignei-me com água benta e deitei. Foi aí que minha mente voou de cá para lá e vi o que estou para contar.

Pareceu-me estar no púlpito de nossa igreja iniciando a pregação. Os jovens todos estavam sentados em seus lugares com o olhar fixo em mim. Atentos aguardavam que eu falasse. Mas eu não sabia de qual assunto devia tratar e de que maneira começar a falar. Mesmo forçando a memória, minha mente permaneceu estéril e vazia. Fiquei assim por um pouco de tempo, confuso e angustiado e nunca me tinha sucedido semelhante trapalhada depois de tantos anos de pregação. Mas

eis que logo vi aquela nossa igreja transformando-se em um grande vale. Procurei as paredes da igreja e não as vi mais e nem vi mais jovem algum. Estava fora de mim, maravilhado, e não conseguia convencer-me daquela mudança de cenário.

Pensei com meus botões: – Mas o que será isso? Havia pouco eu estava na igreja, no púlpito, e agora encontro-me num vale! Seria um sonho? Mas o que preciso fazer? – Decidi descer pelo vale afora. Andei um pouco e procurei alguém para manifestar-lhe minha admiração e pedir explicações. Vi um belo palácio com grandes sacadas e amplos terraços, como se queira denominá-los, e que constituíam um conjunto admirável. Diante do palácio estendia-se uma praça. Num dos cantos da praça, à direita, vi um grande grupo de jovens reunidos que estavam ao redor de uma senhora, a qual entregava um lenço a cada um. Após receber o lenço saíam e dispunham-se em fila um atrás do outro no terraço com balaustrada.

Eu também cheguei perto daquela senhora e ouvi que, no ato de entregar os lenços, ela dizia a cada um estas palavras:

– Não o abra nunca quando sopra o vento. Mas se o vento o pegar de surpresa quando o tiver aberto, vire-se logo para a direita e nunca para a esquerda.

Eu observava todos aqueles jovens, mas no momento não cheguei a reconhecer nenhum. Terminada a distribuição dos lenços, quando todos estavam no terraço, formavam uma longa fila única e ficaram lá de pé sem dizer palavra. E eu continuava a olhar. Vi um jovem que começou a tirar o seu lenço e abri-lo. Depois os outros também começaram, pouco a pouco, a abrir cada um o seu e aí todos com o lenço desfraldado. Era um lenço enorme, bordado a ouro com desenhos de grande estilo e nele podiam-se ler estas palavras também douradas e que o ocupavam todo: *Regina Virtutum* (Rainha das virtudes).

E eis que vindo do norte, isto é, da esquerda, começou a soprar uma leve brisa. Depois ficou mais forte. Por fim levantou-se o vento. Logo que começou este vento, vi alguns dos jovens dobrarem logo o lenço e escondê-lo. Outros

viraram-se para a direita.

Outros, porém, ficaram imóveis com seu lenço aberto. Logo que o vento soprou forte, formou-se rapidamente uma nuvem escura que cobriu todo o céu e formou-se um ciclone, desabou grande temporal e rugiu pavorosamente o trovão. Caiu granizo, desceu a chuva e, por fim, a neve.

No entanto, muitos jovens continuaram com o lenço estendido e o granizo furava-o de lado a lado: parecia que as gotas d'água também tivessem ponta. Outrossim os flocos de neve esburacavam os lenços. Em poucos instantes aqueles lenços se estragaram e viraram uma peneira, ao ponto de perderem a beleza.

Esta cena causou em mim tamanho assombro que não conseguia dar-lhe explicação. O pior é que, aproximando-me daqueles jovens que antes não conhecera, agora, ao olhá-los com mais atenção, consegui reconhecê-los bem distintamente, um por um. Eram os meus jovens do Oratório. Cheguei mais perto ainda e perguntei:

– O que está fazendo aqui? Você não é o fulano de tal? – Sim! Estou aqui, sim! Veja, aqui também estão Sicrano e Beltrano... este e aquele...

Então fui até aquela senhora que distribuía lenços. Estavam ali junto também uns homens e perguntei-lhes: – O que significa tudo isso?

A senhora voltou-se para mim e disse: – Por acaso não leu o que estava escrito nos lenços?

– Sim! *Regina Virtutum!*

– Não sabe por quê?

– Claro que sei!

– Pois bem! Aqueles jovens expuseram a virtude da pureza ao vento das tentações. Logo que os primeiros perceberam, fugiram e são aqueles que recolheram o lenço. Outros foram pegos de surpresa e não tiveram tempo para dobrá-lo e viraram para a direita e são os que, na hora do perigo, recorrem ao Senhor, virando as costas para o inimigo. Outros, porém, ficaram com o lenço aberto virado para o ímpeto das tentações, que os fizeram cair em pecado.

Fiquei admirado com o espetáculo e estava prestes a desesperar ao ver quão poucos fossem os que tinham preservado a bela virtude. Comecei a chorar e a soluçar um pranto lastimoso. Logo que me acalmei, perguntei:

– Como é que os lenços ficaram perfurados não só pelo granizo, mas também pelas gotas d'água e pelos flocos de neve? As gotas, os flocos de neve não seriam os pecados veniais?

– E não sabe que neste campo *non datur parvitas materiae* (Não existe matéria leve)? Todavia, não se inquiete, venha e veja.

Um daqueles homens aproximou-se da sacada, fez aos jovens um aceno de mão e gritou: – Para a direita!

Quase todos os jovens viraram-se para o lado direito. Alguns não se moveram do lugar, e seus lenços acabaram por ficar inteiramente despedaçados. Vi o lenço dos que se tinham voltado para a direita ficar bem pequeno, todo remendado e cerzido de tal modo que não se via mais buraco algum. Estavam, porém, em estado tão lastimáveis que dava pena. Não tinham mais regularidade. Podia ver alguns lenços com três palmos de comprimento, outros com dois e até com um.

Aquela senhora, no entanto, disse:

– Eis os que perderam a bela virtude, mas remediaram-se com a confissão. Os que não se mexeram, são os que permaneceram no pecado e, talvez, muito provavelmente, entrarão no caminho da perdição.

Por fim me disse:

– *Nemini dicito, sed tantum admone* (Não digas nada a ninguém, apenas admoesta).

(*MB IT VI, 972-975 / MBp VI, 899-903*)

Eu a matei por um pedaço de pão

Um senhor que não entrava em uma igreja há vinte anos aproximou-se hesitante de um confessionário. Ele se ajoelhou e, após um momento de hesitação, disse em meio às lágrimas: “Tenho sangue em minhas mãos. Foi durante a retirada na Rússia. Todo dia morria alguém do meu povo. A fome era terrível. Disseram-nos para nunca entrar nas isbás sem um rifle nas mãos, prontos para atirar ao primeiro sinal de... Onde eu havia entrado, havia um homem idoso e uma garota loira com olhos tristes: “Pão! Me dê um pouco de pão!”. A menina se abaixou. Achei que ela estava pegando uma arma, uma bomba. Disparei de forma decisiva. Ela caiu no chão.

Quando cheguei mais perto, vi que a menina estava segurando um pedaço de pão na mão. Eu havia matado uma garota de 14 anos, uma garota inocente que queria me oferecer pão. Comecei a beber para esquecer: mas como?

Deus pode me perdoar?”.

Quem anda por aí com um rifle carregado acaba atirando. Se a única ferramenta de que você dispõe é um martelo, acaba vendo todos os outros como pregos. E passa o dia dando marteladas.

Halloween: uma festa para comemorar?

Os sábios nos dizem que, para entender um evento, é preciso saber qual é a sua origem e qual é o seu propósito. Esse também é o caso do fenômeno agora difundido do Halloween, que, mais do que uma festa a ser comemorada, é um evento sobre o qual se

deve refletir. Tudo isso para evitar a celebração de uma cultura de morte que não tem nada a ver com o cristianismo.

O *Halloween*, como se apresenta hoje, é uma festa que tem suas origens comerciais nos Estados Unidos e se espalhou pelo mundo todo nas últimas três décadas. Ele é comemorado na noite entre 31 de outubro e 1º de novembro e tem alguns símbolos próprios:

- **As fantasias:** vestir-se com roupas assustadoras para representar personagens fantásticas ou criaturas monstruosas.

- **As abóboras esculpidas:** a tradição de esculpir abóboras e inserir uma luz em seu interior para criar *lanternas de abóbora (Jack-o'-lantern)*.

- **Trick-or-treating (Travessuras ou gostosuras):** costume de bater nas portas das casas e pedir doces em troca da promessa de não fazer *travessuras* ("Trick or treat?").

Parece ser um dos festivais comerciais cultivados propositalmente por algumas partes interessadas para aumentar sua receita. De fato, em 2023, somente nos EUA, foram gastos US\$ 12,2 bilhões (de acordo com a National Retail Federation – Federação Nacional de Varejo) e, no Reino Unido, cerca de 700 milhões de libras (de acordo com analistas de mercado). Esses números também explicam a ampla cobertura da mídia, com estratégias reais e próprias para cultivar o evento, transformando-o em um fenômeno de massa e apresentando-o como apenas uma diversão casual, um jogo coletivo.

Origem

Se procurarmos os primórdios do *Halloween* – porque toda coisa contingente tem seu início e seu fim – descobriremos que ele remonta às crenças pagãs politeístas do mundo celta.

O antigo povo celta, um povo nômade que se espalhou por toda a Europa, conseguiu preservar melhor sua cultura, idioma e crenças nas Ilhas Britânicas, mais precisamente na Irlanda, na área onde o Império Romano nunca havia chegado. Um de seus festivais pagãos, chamado *Samhain*, era celebrado entre os últimos dias de outubro e o início de novembro e era o “ano

novo” que abria o ciclo anual. Como a duração do dia diminuía e a duração da noite aumentava nessa época, acreditava-se que a fronteira entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos se tornava mais tênue, permitindo que as almas dos mortos voltassem à Terra (também na forma de animais), permitindo também a entrada dos espíritos malignos. É por isso que eles usavam máscaras assustadoras para confundir ou afastar os espíritos, de modo a não serem tocados por sua influência maligna. A celebração era obrigatória para todos, começava à noite e consistia em ritos mágicos, fogueiras rituais, sacrifícios de animais e, provavelmente, também sacrifícios humanos. Nessas noites, seus sacerdotes druidas iam a todas as casas para receber algo do povo para seus sacrifícios, sob pena de maldições.

O costume de esculpir um nabo no formato de um rosto monstruoso, colocar uma luz dentro e colocá-lo na porta das casas, com o tempo, deu origem a uma lenda que explica melhor o significado. É a lenda do ferreiro irlandês *Stingy Jack*, um homem que engana o demônio várias vezes e, após sua morte, não é recebido nem no céu nem no inferno. Estando na escuridão e forçado a procurar um lugar para seu descanso eterno, ele pediu e recebeu do diabo um tição ardente, que enfiou dentro de um nabo que trazia consigo, criando uma lanterna, a *Jack-o'-lantern*. Mas ele não encontrou descanso e continua vagando até hoje. A lenda quer simbolizar as almas condenadas que vagam pela terra e não encontram descanso. Isso explica o costume de colocar um nabo feio na frente da casa, para incutir medo e afastar qualquer alma errante que possa se aproximar naquela noite.

O mundo romano também tinha um festival semelhante, chamado *Lemuria* ou *Lemuralia*, dedicado a manter os espíritos dos mortos longe das casas; era comemorado nos dias 9, 11 e 13 de maio. Os espíritos eram chamados de “lêmures” (a palavra “lêmure” vem do latim *larva*, que significa “fantasma” ou “máscara”). Acreditava-se que essas celebrações estavam

associadas à figura de Rômulo, fundador de Roma, que teria instituído os ritos para apaziguar o espírito de seu irmão Remo, que ele matou; no entanto, parece que a festividade foi instituído no século I d.C.

Esse tipo de celebração pagã, também encontrada em outras culturas, reflete a consciência de que a vida continua após a morte, mesmo que essa consciência esteja misturada com muitos erros e superstições. A Igreja não quis negar essa semente da verdade que, de uma forma ou de outra, estava na alma dos pagãos, mas procurou corrigi-la.

Na Igreja, o culto aos mártires está presente desde o início. Por volta do século IV d.C., a comemoração dos mártires era celebrada no primeiro domingo após Pentecostes. Em 609 d.C., o Papa Bonifácio IV transferiu essa comemoração para a festa de Todos os Santos, em 13 de maio. Em 732 d.C., o Papa Gregório III transferiu novamente a festa de Todos os Santos (em inglês antigo, "*All Hallows*") para 1º de novembro, e o dia anterior ficou conhecido como All **Hallows'** Eve (Véspera de Todos os Santos), de onde deriva a forma abreviada **Halloween**.

A proximidade imediata das datas sugere que a mudança na comemoração pela Igreja se deveu ao desejo de corrigir o culto aos ancestrais. A última mudança indica que o festival pagão celta *Samhain* também permaneceu no mundo cristão.

Difusão

Essa celebração pagã – uma festa essencialmente religiosa – preservada nos cofres da cultura irlandesa mesmo após a cristianização da sociedade, reapareceu com a migração maciça dos irlandeses para os Estados Unidos após a grande fome que atingiu o país em 1845-1846.

Os imigrantes, a fim de preservar sua identidade cultural, começaram a celebrar vários festivais próprios como momentos de reunião e recreação, incluindo o *All Hallows*. Talvez mais do que uma festa religiosa, era uma festa sem referências religiosas, ligada à celebração da abundância das colheitas.

Isso incentivou o renascimento do antigo uso celta da

lanterna, e as pessoas começaram a usar não o nabo, mas a abóbora, devido ao seu tamanho maior e à maciez que favorecia o entalhe.

Na primeira metade do século XX, o espírito pragmático dos americanos – aproveitando a oportunidade de ganhar dinheiro – estendeu essa festa para todo o país, e as fantasias e roupas de Halloween começaram a aparecer nos mercados em escala industrial: fantasmas, esqueletos, bruxas, vampiros, zumbis etc.

Depois de 1950, a festa também começou a se espalhar pelas escolas e lares. Surgiu o costume de as crianças saírem batendo nas casas pedindo doces com a expressão: “*Trick or treat?*”

Impulsionado por interesses comerciais, esse fato levou a uma verdadeira festa nacional com conotações seculares, desprovida de elementos religiosos, que seria exportado para todo o mundo, especialmente nas últimas décadas.

Reflexão

Se observarmos atentamente, os elementos encontrados nos ritos celtas do festival pagão Samhain permaneceram. São roupas, lanternas e ameaças de maldições.

As roupas são monstruosas e assustadoras: fantasmas, palhaços assustadores, bruxas, zumbis, lobisomens, vampiros, cabeças perfuradas por punhais, cadáveres desfigurados, demônios.

As abóboras horrendas, esculpidas como cabeças decepadas, com uma luz macabra em seu interior.

Crianças andando pelas casas perguntando “*Trick or treat?*”. Traduzido literalmente, significa “travessura ou gostosura”, lembrando a “maldição ou sacrifício” dos sacerdotes druidas.

Primeiro nos perguntamos se esses elementos podem ser considerados dignos de serem cultivados. Desde quando o assustador, o macabro, a obscuridade, o horrível, a morte sem esperança definem a dignidade humana? Eles são, de fato,

imensamente ultrajantes.

E nos perguntamos se tudo isso não contribui para o cultivo de uma dimensão ocultista e esotérica, já que esses são os mesmos elementos usados pelo mundo sombrio da bruxaria e do satanismo. E se a moda *escura* e *gótica*, como todas as outras decorações de abóboras macabramente esculpidas, teias de aranha, morcegos e esqueletos, não fomenta uma aproximação com o ocultismo.

Será que é por acaso que eventos trágicos ocorrem regularmente em conjunto com esta festa?

É por acaso que profanações, ofensas graves contra a religião cristã e até mesmo sacrilégios ocorrem regularmente nesses dias?

É por acaso que, para os satanistas, a festa principal, que marca o início do ano satânico, é o *Halloween*?

Será que ele não produz, especialmente nos jovens, uma familiarização com uma mentalidade mágica e ocultista, distante e contrária à fé e à cultura cristãs, especialmente nesta época em que a prática cristã está enfraquecida pela secularização e pelo relativismo?

Vejamos alguns testemunhos.

Uma senhora britânica, **Doreen Irvine**, ex-sacerdotisa satanista convertida ao cristianismo, adverte em seu livro *From Witchcraft to Christ* [Da feitiçaria a Cristo] que a tática usada para se aproximar do ocultismo consiste justamente em propor o ocultismo em formas atraentes, com mistérios que incitam, passando tudo como uma experiência natural e até simpática.

O fundador da Igreja de Satanás, **Anton LaVey**, declarou abertamente sua alegria pelo fato de os batizados participarem do festival de Halloween: “Fico feliz que os pais cristãos permitam que seus filhos **adorem o diabo pelo menos uma noite por ano. Bem-vindos ao Halloween**”.

O P. Aldo Buonaiuto, do Serviço Antisseitas da Associação Comunitária Papa João XXIII, em seu artigo, *Halloween. Lo scherzetto del diavolo* [O truque do diabo], nos adverte que “os adoradores de Satanás consideram como dirigidas a ele as ‘energias’ de todos aqueles que, mesmo apenas por diversão, estão evocando o mundo das trevas nos ritos perversos praticados em sua honra, durante todo o mês de outubro e, em particular, na noite entre 31 de outubro e 1º de novembro”.

O P. Francisco Bamonte, exorcista e vice-presidente da Associação Internacional de Exorcistas (ex-presidente da mesma por dois mandatos consecutivos), adverte:

“A minha experiência, juntamente com a de outros sacerdotes exorcistas, mostra como a ocasião do Halloween, incluindo o período de tempo que a prepara, representa de fato, para muitos jovens, um momento privilegiado de contato com realidades sectárias ou, em todo caso, ligadas ao mundo do ocultismo, com consequências graves não só em nível espiritual, mas também em nível de integridade psicofísica. Antes de tudo, é preciso dizer que essa festa imprime, no mínimo, feiura. E ao imprimir a feiura nas crianças, o gosto pelo horrendo, pelo deformado, pelo monstruoso colocado no mesmo nível do belo, de certa forma as orienta para o mal e o desespero. No céu, onde só reina a bondade, tudo é belo. No inferno, onde só reina o ódio, tudo é feio.” [...]

“Com base em meu ministério como exorcista, posso afirmar que o Halloween é, no calendário dos mágicos, praticantes do ocultismo e adoradores de Satanás, uma das “festividades” mais importantes. Consequentemente, para eles, é motivo de grande satisfação que as mentes e os corações de tantas crianças, adolescentes, jovens e não poucos adultos sejam direcionados para o macabro, o demoníaco, a bruxaria, por meio da representação de caixões, caveiras, esqueletos, vampiros, fantasmas, aderindo assim à visão zombeteira e sinistra do momento mais importante e decisivo da existência de um ser humano: o fim de sua vida terrena.” [...]

“Nós, padres exorcistas, não nos cansamos de alertar contra essa recorrência, que não só por meio de condutas imorais ou perigosas, mas também pela leviandade de diversões consideradas inofensivas (e infelizmente hospedadas cada vez com mais frequência até mesmo em espaços paroquiais) pode tanto preparar o terreno para uma futura ação perturbadora, até mesmo pesada, por parte do demônio, quanto permitir que o Maligno afete e desfigure as almas dos jovens.”

São os jovens, em particular, que sofrem o impacto generalizado do fenômeno do Halloween. Sem critérios sérios de discernimento, eles correm o risco de serem atraídos pela feiura e não pela beleza, pelas trevas e não pela luz, pela maldade e não pela bondade.

Precisamos refletir se devemos continuar celebrando a festa das trevas, *o Halloween*, ou a festa da luz, *Todos os Santos*...

Um verdadeiro cego

Uma antiga fábula persa fala de um homem que tinha apenas um pensamento: possuir ouro, todo o ouro possível.

Era um pensamento voraz que devorava seu cérebro e seu coração. Assim, ele não podia ter nenhum outro pensamento, nenhum outro desejo, a não ser o ouro.

Quando passava pelas vitrines de sua cidade, via apenas as dos ourives. Ele não notava tantas outras coisas maravilhosas.

Não notava as pessoas, não prestava atenção no céu azul ou no perfume das flores.

Um dia, ele não resistiu: entrou correndo numa joalheria e começou a encher os bolsos com pulseiras, anéis e broches de ouro.

É claro que, ao sair da loja, ele foi preso. Os policiais lhe

disseram: “Mas como você achou que poderia escapar impune? A loja estava cheia de gente”.

“É mesmo?”, disse o homem espantado. “Eu não notei. Eu só via o ouro”.

“Eles têm olhos e não veem”, diz a Bíblia sobre os falsos ídolos. Isso pode ser dito de muitas pessoas hoje em dia. Elas ficam deslumbradas com o brilho das coisas que mais brilham: aquelas que a propaganda diária desliza diante de nossos olhos, como se fossem o pêndulo de um hipnotizador.

Certa vez, um professor fez uma mancha preta no centro de uma bela folha branca de papel e a mostrou aos seus alunos.

“O que vocês veem?”, perguntou ele.

“Um ponto preto!”, responderam em coro.

“Todos vocês viram o ponto preto que é minúsculo”, retrucou o professor, “e ninguém viu a grande folha branca”.

No Talmude, que reúne a sabedoria dos mestres judeus dos primeiros cinco séculos, está escrito: “No mundo vindouro, cada um de nós será chamado a prestar contas de todas as coisas belas que Deus colocou na Terra e que nos recusamos a ver.

A vida é uma série de momentos: o verdadeiro sucesso está em viver todos eles.

Não se arrisque a perder o grande papel branco para perseguir uma manchinha preta.

0 barco

Numa noite, dois turistas que estavam hospedados em um acampamento às margens de um lago decidiram atravessar o lago de barco para “tomar uma bebida” no bar da outra margem.

Ficaram lá até tarde da noite, esvaziando um bom número de

garrafas.

Quando saíram do bar, estavam um tanto bêbados, mas conseguiram tomar seus lugares no barco para empreender a viagem de volta.

Começaram a remar com força. Transpirando e bufando, remaram decididamente por duas horas. Finalmente um disse ao outro:

– Você não acha que já deveríamos ter tocado a outra margem, há muito tempo?

– Claro que sim, respondeu o outro, mas talvez não tenhamos remado com força suficiente.

Os dois redobraram seus esforços e remaram resolutamente por mais uma hora. Só ao amanhecer é que se deram conta, estupefatos, de que ainda estavam no mesmo lugar.

Eles haviam esquecido de desatar a corda forte que amarrava seu barco ao cais.

Quantas pessoas se preocupam e se agitam o dia inteiro sem chegar a lugar nenhum, porque não se libertam realmente dos laços e dos hábitos viscosos.